

editorial
editorial

entrevista
interview

ágora
agora

tapete
carpet

artigo nomads
nomads paper

projetos
projects

expediente
credits

próxima vírus
next virus

V!20

revista V!RUS
V!RUS journal

issn 2175-974x

ano 2020 year

semestre 01 semester

Julho 2020 July



MAPEANDO A CIDADE DO RIO DE JANEIRO COM JOVENS E
CRIANÇAS MAPPING THE CITY OF RIO DE JANEIRO ALONG WITH
YOUNGSTERS AND CHILDREN
FLORA OLMOS FERNANDEZ

Flora Olmos Fernandez tem graduação em Arquitetura e Urbanismo, mestrado em Arquitetura Paisagística e é pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É colaboradora nos grupos de pesquisa Ambiente Educação - GAE e Sistemas de Espaços Livres - SEL-RJ, do mesmo programa de pós-graduação. Estuda projetos de espaços livres urbanos, particularmente sobre os seguintes temas: criança, brincar, sistemas de espaços livres e processos participativos.
flora.fernandez@gmail.com

FERNANDEZ, F. M. A. O. Mapeando a cidade do Rio de Janeiro com jovens e crianças. **VIRUS**, São Carlos, n. 20, 2020. [online]. <http://www.nomads.usp.br/virus/virus20/?sec=5&item=107&lang=pt>. Acesso em: dd/mm/aaaa

ARTIGO SUBMETIDO EM 10 DE MARÇO DE 2020

Resumo

Este artigo apresenta o desenvolvimento da metodologia e procedimentos efetuados até o momento no projeto "Diálogos entre escola e cidade: mapeando os territórios educativos da cidade do Rio de Janeiro". O texto foi produzido a partir da atividade que reuniu a percepção dos estudantes de 734 unidades escolares da Rede Municipal de Ensino e resultou no processamento das informações coletadas. O evento foi realizado sob a coordenação do Escritório de Planejamento da Subsecretaria de Planejamento e Acompanhamento de Resultados da Casa Civil e da Secretaria Municipal de Educação, em parceria com os grupos de pesquisas GAE - Grupo Ambiente e Educação e SEL-RJ - Sistemas de Espaços Livres no Rio de Janeiro, do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O projeto tem como objetivo realizar coletivamente um mapeamento afetivo da cidade do Rio de Janeiro, composto por desenhos, textos e imagens produzidas pelas crianças, a partir do percurso que realizam entre a sua moradia e a escola que frequentam. Pretende-se integrar as impressões dos jovens ao processo de formulação do Plano de Desenvolvimento Sustentável da Cidade do Rio de Janeiro - 2030. Para tanto, com base na abordagem conceitual, foram utilizadas metodologias de aplicação, análise e síntese de resultados, a partir dos trabalhos desenvolvidos pelas instituições acima citadas. Destacam-se, nesse artigo, os métodos, as dificuldades e os potenciais observados ao longo de uma primeira etapa de trabalho, a qual se refere às análises das respostas no âmbito da 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). Desta forma, pretende-se contribuir para o debate acerca de direcionamentos a serem seguidos em processos participativos, que podem ser aplicados a outras pesquisas e contextos urbanos, e para o fortalecimento de ações integradas de pesquisa, ensino e extensão universitária, para a produção de conhecimento quanto a intervenções no planejamento e desenho urbano.

Palavras-chave: Metodologia participativa, Mapeamento, Infância, Cidade, Espaços livres

1 Introdução e abordagem conceitual

Este artigo apresenta e reflete sobre aplicações de métodos experienciados no projeto “Diálogos entre escola e cidade: mapeando os territórios educativos da cidade do Rio de Janeiro”, que integrou atividades de pesquisa, ensino e extensão na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ). Este processo foi realizado através de parceria entre os grupos de pesquisa SEL-RJ - Sistemas de Espaços Livres do Rio de Janeiro e GAE - Grupo Ambiente Educação, ambos do Programa de Pós Graduação em Arquitetura (PROARQ-UFRJ), e a Prefeitura do Rio de Janeiro, através do Escritório de Planejamento da Subsecretaria de Planejamento e Acompanhamento de Resultados - CVL/SUBPAR da Casa Civil e da Secretaria Municipal de Educação - SME. Essa colaboração possibilitou que a aplicação da pesquisa alcançasse 734 escolas da Rede Municipal de Educação.

A concepção do projeto pelas professoras e coordenadoras dos grupos de pesquisa, Vera Regina Tângari (SEL-RJ) e Giselle Arteiro Nielsen Azevedo (GAE), decorreu da provocação feita pelo pesquisador e parceiro internacional, Prof. Miodrag Mitrasinovic¹, a respeito do alcance das atividades com crianças desenvolvidas pelos grupos de pesquisa SEL-RJ e GAE. Até 2019, a atuação conjunta dos grupos era voltada a estudos de lugares urbanos específicos, tais como as comunidades de Tubiacanga e Manguinhos, no Rio de Janeiro. Assim, este processo, iniciado no segundo semestre de 2019, foi desenvolvido com o objetivo de se obter uma visão sistêmica das percepções dos estudantes da Rede Municipal sobre o percurso que fazem entre a casa e a escola. Este processo visa a incorporação e espacialização das impressões dos jovens e crianças como insumos para projetos e para o planejamento urbano da cidade. Para tanto, ele abarca diferentes abordagens de pesquisa e mapeamento providas pelo arcabouço conceitual e metodológico das instituições e dos grupos de pesquisas envolvidos.

O grupo de pesquisa SEL-RJ (<https://bit.ly/3d2k53f>) estuda os sistemas de espaços livres e a conformação das paisagens, com foco na cidade do Rio de Janeiro e sua Região Metropolitana (T NGARI, 2000). Em paralelo, o grupo de pesquisa GAE (<https://bit.ly/2z8yHzn>) estuda as relações da criança com a cidade e seu território educativo, sujeito ao imprevisto e às ações dos seus vivenciadores (AZEVEDO, 2019). Desde 2015, os grupos SEL-RJ e GAE atuam em parceria em estudos e pesquisas, com foco no papel dos espaços livres públicos na conformação de territórios educativos. Os pesquisadores vêm construindo repertório conceitual e metodológico sobre a relação entre arquitetura, cidade e infância, a partir da reflexão, do estudo e da aplicação de dispositivos de escuta e a co-criação de projetos com crianças na cidade do Rio de Janeiro (AZEVEDO, 2019; T NGARI, AZEVEDO, 2019).

No contexto urbano, grande parte das metrópoles brasileiras apresenta uma ordenação funcionalista, em que a lógica da distribuição do solo e o tratamento do espaço público, somados a um quadro de violência e desigualdade social, excluem e invisibilizam grupos sociais vulneráveis, principalmente as crianças, no seu direito à cidade. Esta realidade espacial de insegurança para as crianças afeta as suas experiências urbanas que, segundo Lynch, contribuem para a construção da sua identidade, através da tomada de decisões (LYNCH, CARR, 1968). Complementando este entendimento, Francesco Tonucci (2009), em seu artigo “*Ciudades a la escala humana: la ciudad de los niños*”, afirma que a criança também pode contribuir para a qualidade das cidades. De acordo com o autor, os adultos se tornam piores sem a presença das crianças, pois se permitem agir de maneira inconsequente sem se importar com os demais. Quando incluem e visibilizam as crianças, as cidades também se tornam mais seguras, pois todos se importam com elas e, se estão nas ruas, todos olham mais para o exterior (TONUCCI, 2009).

No sentido de ampliar a representatividade dos grupos sociais invisibilizados, os pesquisadores e profissionais que atuam em prol da infância apresentam uma nova visão para esses grupos. Eles ressaltam que a criança não é um sujeito que está por vir. Em entrevista apresentada na publicação “Quem está na escuta”, Sarmento (2016) afirma que “todos os seres humanos – crianças, adultos, idosos – estão em processo de mudanças e transformações contínuas, do ponto de vista biológico, ideológico, intelectual e cultural. O devir é próprio da condição humana, não é específico da infância” (SARMENTO, 2016, p. 6). Segundo este autor, a criança já é um sujeito com voz, cultura e linguagens próprias, e merece ser considerada, pois é um ator social que compõe o cenário urbano.

Assim, as atividades de escuta e os processos participativos têm como função dar voz aos grupos minoritários que são, geralmente, excluídos dos processos de decisão, mas que influenciam na transformação da cidade e da paisagem. Esta atuação se configura como uma estratégia de combate à violência e apoio à inclusão. Dessa forma, refletir sobre a escuta, sobre os processos participativos com crianças, e aplicar essas experiências ao estudo, ao planejamento e ao desenho urbano são atos de resistência e luta pelos ideais democráticos e princípios de inclusão social.

Segundo Henry Sanoff (2000), em seu livro “*Community Participation Methods in Design and Planning*”, não há uma solução melhor e única para os problemas de desenho e planejamento. Para o autor, existem inúmeras possibilidades de soluções que são estabelecidas a partir dos critérios factuais e das interpretações do contexto (SANOFF, 2000). Seguindo esta linha de raciocínio, cabe destacar a importância de repensar os engessamentos das estruturas fundadas em uma “hierarquia única, universal e abstrata entre os saberes” (SANTOS, 2007, p. 90). Assim, para cada problema, busca-se, nos diferentes saberes, uma maneira de responder a questões estabelecidas, não excluindo a existência de hierarquias, mas considerando as graduações passíveis de serem reordenadas, conforme as circunstâncias. Dessa forma, a participação da população nas intervenções no espaço e

o reconhecimento da importância dos saberes dos distintos atores sociais possibilitam uma resposta mais integrada ao contexto urbano.

Complementando este discurso, Sanoff defende que a participação necessita do interesse e envolvimento do e da participante, tendo em vista que ele ou ela prosseguirá ou não no processo em determinadas etapas, de acordo com a sua vontade e capacidade. Neste processo, as pessoas mais afetadas pelas decisões merecem ter mais voz. Com base nessa condição, Sanoff defende que as crianças e os jovens são potenciais participantes, pois eles têm o desejo de contribuir com suas comunidades.

Integrando esse entendimento, a partir de experiências tais como a criação de assembleias com espaço de escuta das crianças, Francesco Tonucci reforça a importância da escuta e da participação das crianças. Ele considera favorável reconhecê-las enquanto atores políticos na implantação de transformações da cidade, por elas assumirem com mais facilidade o papel do outro (TONUCCI, 2009). Ouvir e desenvolver processos participativos com crianças possibilita, portanto, uma visão que considera a multiplicidade de atores sociais. Sarmento complementa a argumentação sobre o fato de os processos incluírem as crianças, por elas terem "(...) uma enorme plasticidade da renovação das formas e dos conteúdos, poderão propor e sugerir outros modos de ver o mundo que não aqueles cristalizados nas culturas dominantes" (SARMENTO, 2016, p. 6).

Seguindo estes referenciais teóricos, que consideram a importância de incluir os jovens e crianças nos processos de construção da cidade, a pesquisa apresentada neste artigo tem se construído a partir do desenvolvimento de um mapeamento afetivo, que abrange as percepções e os desejos dos jovens e crianças da Rede Municipal de Educação. Como abordagem metodológica instrumental, esta pesquisa assume a definição de James Corner (1999) sobre o mapear, que é orientado pela experiência e pelo contato com o real. No entanto, segundo esse autor, os mapeamentos não refletem a realidade e sim espelham um recorte dela, elaborado a partir de uma seleção de dados e regras, de forma que um processo de mapeamento nunca é neutro. Seguindo essa abordagem, a atividade de mapear abre espaço para emergência de novas realidades e permite revelar potenciais locais escondidos, o que explica sua importância formativa e criativa nos processos de projeto.

Os jovens e crianças, muitas vezes silenciados no processo de transformação das cidades, vivenciam e possuem saberes sobre o território em que vivem. Escutar esses atores contribui para revelar mais uma camada da realidade que eles vivenciam, além de possibilitar proposições inusitadas. Esses aspectos reforçam o potencial de incorporar estes saberes no planejamento e produção de espaços na cidade do Rio de Janeiro.

Com base na abordagem conceitual apresentada, a aplicação da atividade e desenvolvimento da pesquisa tem como objetivos:

- + Identificar como as crianças/jovens experienciam o espaço público;
- + Contribuir para a formação de uma consciência crítica sobre a cidade e a construção da cidadania dos estudantes, reconhecendo-os como sujeitos de direitos à cidade;
- + Dar visibilidade às percepções dos jovens e crianças como forma de identificar e resgatar a vitalidade da cidade e do espaço público, a partir do reconhecimento das oportunidades educativas dos territórios.

Tendo em vista a atual produção do espaço "adultocêntrica" e a potência da participação dos jovens e crianças no planejamento urbano, formulamos a questão: de que forma fazer um mapeamento sistemático da cidade do Rio de Janeiro a partir da perspectiva dos jovens e crianças pertencentes à Rede Municipal de Educação? Com esse intuito de explorar formas de realizar um mapeamento sistemático da cidade, foi proposta uma atividade para ser aplicada nas escolas da Rede Municipal de Educação pelos grupos GAE e SEL-RJ, sob a coordenação das professoras Giselle Arteiro Nielsen Azevedo e Vera Regina Tângari.

Na primeira etapa dessa atividade, os estudantes das escolas públicas que compõem a Rede Municipal de Educação da cidade do Rio de Janeiro participaram do desenvolvimento de desenhos, textos e imagens sobre o percurso que realizam entre a sua moradia e a escola que frequentam, conforme exemplificado na Figura 1. Este evento foi desenvolvido pelos participantes dos grupos de pesquisa, e sua realização foi coordenada pelo CVL/SUBPAR da Casa Civil e da SME. Foi proposta, de forma voluntária, a aplicação simultânea de uma dinâmica em todas as instituições da rede no "Dia Mundial do Urbanismo: 8 de novembro de 2019", em horário definido conforme o turno escolar.



DIÁLOGOS ENTRE ESCOLA E CIDADE:
MAPEANDO OS TERRITÓRIOS EDUCATIVOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO
Dia Mundial do Urbanismo – 8 de novembro de 2019

ESCOLA: *Edmundo S. S.* ANO/SÉRIE ESCOLAR: *4ª ano*
IDADE: *9* GÊNERO: *Feminino* BAIRRO ONDE MORA: *Recor*
TIPO DE TRANSPORTE PARA ESCOLA: *a pé* TEMPO DE DESLOCAMENTO: *20 min*

1) Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.

O caminho do meu casa até a escola é bem. Lá tem poucas árvores, lá é muito as calçadas muito ruins. Lá tem poucas pessoas lá, e lá tem é maravilha. Lá tem de parcerias. É um mundo muito lá no caminho.

2) Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você deseja para esse percurso?

Eu desejo a uma percurso mais arborizado e pessoas lá. É as calçadas e alguns bancos.

Fig. 1: Exemplo de formulário aplicado. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.

Em janeiro de 2020, iniciou-se a segunda etapa da pesquisa a partir da análise e sistematização das falas das crianças e jovens, ainda em processo de discussão. Esta etapa contou com a análise das impressões de 13.376 alunos das 734 unidades escolares que participaram das atividades, por adesão voluntária. Estas unidades escolares incluem Creches Municipais, Escolas de Desenvolvimento Infantil, Escolas Municipais, Escolas Especiais e Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), e fazem parte do conjunto de unidades que compõem a Rede Municipal de Ensino. As unidades estão distribuídas entre as onze Coordenadorias Regionais de Educação (CRE).

Seguindo as etapas de aplicação da dinâmica e sistematização das informações coletadas, buscou-se elaborar – como um dos resultados previstos – um mapeamento afetivo coletivo da cidade do Rio de Janeiro, contendo as percepções e desejos dos participantes sobre o percurso casa-escola. Esse trabalho colaborativo pode ser considerado uma ferramenta para estabelecer um diálogo entre os estudantes das escolas e o poder público, contribuindo para a construção coletiva e compartilhada de um conjunto de subsídios ao Plano Estratégico Sustentável (PDS) conduzido pelo CVL/SUBPAR da Casa Civil da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Neste contexto, esse projeto também procurou alinhar-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS da ONU (2015), com foco nos objetivos integrados: Acesso à educação de qualidade (Objetivo 4); Cidades e comunidades sustentáveis (Objetivo 11); Vida na terra: Priorizar espaços públicos seguros, inclusivos, acessíveis e de qualidade (Objetivo 15); e Parcerias para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (Objetivo 17). Através de parcerias entre a UFRJ e colaboradores acadêmicos, a Casa Civil e a Secretaria Municipal de Educação, a inclusão dos jovens e crianças do sistema educacional nas discussões sobre a cidade visa: reforçar a proposição dos territórios educativos; subsidiar as propostas de requalificação para os espaços públicos existentes; embasar a criação de novos espaços públicos acessíveis onde existem demandas não atendidas; e contribuir para o planejamento urbano em geral.

Com base nesta reflexão, o artigo aborda a construção da metodologia e a análise sobre os procedimentos efetuados a partir da experiência de processamento dos dados da 4ª CRE, indicada na Figura 2, no intuito de contribuir com as discussões metodológicas relativas aos temas abordados, e reconhecendo que o método estabelece recortes, escolhas e regras que determinam o direcionamento do caminho a ser trilhado.

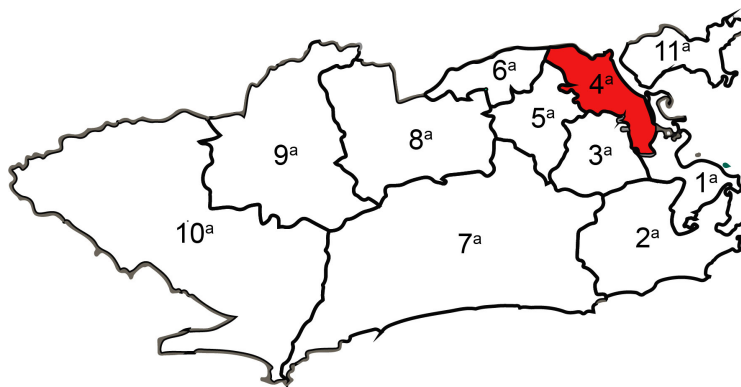


Fig. 2: Divisão geográfica das CREs, com destaque para a situação da 4a. CRE. Fonte: FERNANDEZ, 2020, com base em Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/sme/exibeconteudo?id=9872673>. Acesso em: 11 maio 2020.

2 Desenvolvimento de dinâmicas e recomendações

O questionamento sobre os impactos das atividades anteriormente realizadas pelos grupos de pesquisa resultou na proposta de mapeamento afetivo coletivo da cidade, conforme descrito acima. Este processo traduz a demanda e o desejo de se ter uma visão sistêmica sobre os aspectos urbanos territoriais do Rio de Janeiro sob o olhar das crianças e jovens. Na busca de definir o caminho metodológico a ser elaborado neste projeto, aconteceram, em setembro de 2019, as primeiras discussões a respeito dos dispositivos a serem aplicados, levando em consideração as condicionantes para a aplicação e a análise dos trabalhos desenvolvidos pelas crianças e jovens.

O processo de escolha seguiu abordagens e pressupostos teórico-metodológicos usuais dos grupos de pesquisa envolvidos. Nesse âmbito, as atividades foram elaboradas a partir da composição de dispositivos de escuta e participação, ancorados no repertório que vem sendo desenvolvido e aplicado, desde 2015, originado a partir metodologias de pesquisa em estudos morfológicos, percepção ambiental e análise pós-ocupação. Os dispositivos enquadram-se nas estratégias e procedimentos da cartografia, que ativam processos e relações. São, portanto, ferramentas para abrir canais de fala e escuta (GOMES et al., 2019). Nesse sentido, os dispositivos de escuta criam espaços de fala, aberta a partir de uma provocação, e podem ser desenvolvidos utilizando diferentes formas de expressão de acordo com o contexto da aplicação. Esta abertura e incerteza do processo também integram as atividades de co-criação propostas nos dispositivos de participação.

No caso da pesquisa apresentada nesse artigo, a participação ocorreu na escala da consulta (ARNSTEIN, 2002) em que, a partir dos dispositivos selecionados, foi possível criar um espaço para que jovens e crianças falassem a respeito do seu território. Estabeleceu-se como parâmetro o direcionamento centrado na pesquisa conjunta dos grupos sobre Territórios Educativos, com foco na análise qualitativa dos espaços livres públicos. Assim, foi sugerido o relato das percepções do percurso da moradia até a escola, como forma de aproximação às problemáticas cotidianas dos estudantes referentes à sua vivência nos espaços urbanos.

Devido à escala de abordagem, destacaram-se duas importantes condicionantes para a escolha do dispositivo utilizado. A primeira considerou que as atividades seriam aplicadas pelos professores da Rede Municipal de Educação e não diretamente pelos pesquisadores, o que implicou uma perda de informações e de falas que surgiram no decorrer da atividade. Outra questão fundamental foi o fato de que seriam muitos itens a serem analisados e, para minimizar os ruídos na comunicação, as atividades deveriam ser muito claras, objetivas e sucintas, e o tempo de aplicação deveria considerar a duração de uma aula.

O formulário desenvolvido apresentou, no campo inicial, perguntas fechadas para apurar do estudante a escola onde estuda, sua idade, série, gênero, bairro de moradia, tempo de deslocamento e o transporte utilizado. Na sequência, foram utilizados dois dispositivos: o Mapa Mental (LYNCH, 1997) para compreender a experiência do lugar pelo aluno, abarcando pontos descritivos, bem como sentimentos e sensações gerados; e o Poema dos Desejos, desenvolvido por Henry Sanoff (1999), no qual os participantes expressam, através de desenho ou escrita, suas necessidades, sentimentos e desejos relativos ao contexto vivenciado, buscando identificar prospecções para o percurso e para o lugar. Dessa maneira, foram formuladas as seguintes perguntas:

1 Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você vê e sente durante esse percurso.

2 Agora que você respondeu à primeira pergunta, descreva, em desenhos e/ou palavras, o que você deseja para esse percurso?

Em novembro de 2019, foi realizada uma atividade-teste na 9ª série do Ensino Fundamental em uma escola de Nova Iguaçu, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Visando incluir a abordagem da pesquisa Paisagens Sonoras (REGO, NIEMEYER, 2016), em que se busca compreender a percepção sonora e como ela influencia na composição da paisagem, foi adicionada uma terceira pergunta ao formulário:

3 Por último, descreva, em desenhos e/ou palavras, quais sons você percebe durante esse percurso. Diga quais deles você gosta e quais você não gosta.

Para a aplicação em 8 de novembro de 2019, visando diminuir o número de questões para facilitar a aplicação e posterior análise, a 1a e a 3a perguntas do formulário-teste foram mescladas, gerando a seguinte pergunta:

1 Como é o caminho que você faz da sua casa até a escola onde você estuda? Descreva, em desenhos e/ou palavras, **o que você vê, ouve e sente durante esse percurso.**

Entretanto, no processo de transmissão das instruções aos professores para a atividade do dia 8 de novembro, as duas variações foram enviadas e geraram diferentes aplicações dos formulários nas escolas da 4ª CRE. Conseqüentemente, a aplicação de diferentes padrões de formulários resultou em distorções na análise e tabulação dos dados, fato que será esclarecido posteriormente.

Juntamente com o formulário enviado, foram anexadas recomendações aos professores para o desenvolvimento da atividade. Essas recomendações consideraram o tempo que seria distribuído na preparação, aplicação e recolhimento dos formulários durante os 50 minutos de aula. Reforçava-se também a liberdade de participação e expressão dos estudantes, nos materiais, formas e temas que quisessem abordar, solicitando-se que os professores evitassem direcionar as respostas dos estudantes e mantivessem uma postura neutra. Em paralelo à proposta elaborada pelos grupos de pesquisa, a CVL/SUBPAR e SME já estavam trabalhando em parceria, agindo para incluir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) na grade curricular da Rede Municipal e realizando atividades participativas com professores e diretores desta rede. Neste contexto, alguns dirigentes de escolas compreenderam que os trabalhos deveriam ser feitos com este viés, direcionando as respostas e os resultados apresentados.

3 Aplicação nas escolas

Conforme descrito anteriormente, em 8 de novembro de 2019, a atividade foi aplicada simultaneamente nas diversas escolas da rede municipal, e participantes dos grupos de pesquisa puderam acompanhar o processo nos bairros Manguinhos, Ilha do Governador, Maré e Bento Ribeiro. Algumas escolas haviam iniciado, anteriormente a essa data, dinâmicas sobre a temática, convidando à reflexão sobre o entorno da escola e o território vivenciado pelos estudantes. Já em outras escolas, a atividade foi introduzida pela primeira vez no dia da aplicação. Assim, a dedicação dos professores se refletiu no empenho dos estudantes em responder as perguntas.

Entre dezembro de 2019 e janeiro de 2020, os grupos de pesquisa receberam os formulários preenchidos. Eles foram organizados seguindo a divisão das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE). Desta forma, foi possível visualizar a dimensão total do trabalho em desenvolvimento e sua representatividade, através da quantificação do número de escolas participantes por CRE e a porcentagem de participação, apresentadas na Tabela 1.

CRE	UNIDADES ESCOLARES TOTAL	UNIDADES PARTICIPANTES	PORCENTAGEM DE PARTICIPAÇÃO
1ª	96	32	33,33%
2ª	153	21	13,73%
3ª	134	91	67,91%
4ª	166	98	59,04%
5ª	130	127	97,69%
6ª	113	16	14,16%
7ª	180	51	28,33%
8ª	188	147	78,19%
9ª	165	87	52,73%
10ª	197	34	17,26%
11ª	43	30	69,77%
TOTAL	1565	734	46,90%

Tabela 1: Total de participação das escolas por CRE. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.

Outra análise preliminar refere-se à participação das unidades escolares quanto às instâncias de ensino envolvidas: Creches, Escola de Desenvolvimento Infantil (EDI), Escola Municipal, CIEP. A maior quantidade de formulários corresponde às Escolas Municipais de Ensino, de acordo com os dados apresentados na Tabela 2:

CRE	UNIDADES PARTICIPANTES	PARTICIPANTES EDI	PARTICIPANTES EM	PARTICIPANTES CIEP	PARTICIPANTES ND
1ª	32	8	22	2	
2ª	21	2	16	3	4
3ª	91	24	38	5	23
4ª	98	30	59	9	-
5ª	127	30	93	4	1
6ª	16	5	9	2	-
7ª	51	3	42	6	-
8ª	147	20	104	11	1
9ª	87	23	55	9	
10ª	34	13	20	1	
11ª	30	0	18	2	
TOTAL	734	158	476	54	29

Tabela 2: Total de participação por instâncias de ensino. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.

4 Definição do modo de leitura preliminar

O desafio seguinte, posterior à aplicação da atividade com as escolas, foi definir de que modo seria feita a sistematização das informações obtidas para a montagem de um mapeamento afetivo. De que maneira os temas apresentados nas respostas subjetivas dos alunos seriam traduzidos de forma objetiva, e como as informações poderiam ser espacializadas? Para isso, houve reuniões internas dos grupos de pesquisa a partir de uma leitura prévia de alguns formulários, para equacionar as demandas de sistematização e tabulação das informações obtidas.

Posteriormente, em reuniões com técnicos da CVL/SUBPAR da Casa Civil e do Instituto Pereira Passos (IPP-PCRJ), foi desenvolvida uma planilha para identificar categorias e subcategorias referentes ao cenário urbano, que auxiliariam a análise do material enviado pelas escolas. Também foi elaborado um plano de ação das diversas equipes, em que a análise dos formulários e a tabulação seriam realizadas pelos grupos de pesquisa e colaboradores nas dependências da UFRJ, e a tabulação produzida seria sistematizada e georreferenciada pelos técnicos do IPP-PCRJ. Definiu-se, em consequência, uma estratégia institucional para que os dados processados no Mapeamento Afetivo pudessem servir como subsídios para o desenvolvimento do Plano de Desenvolvimento Sustentável da cidade do Rio de Janeiro.

Dessa forma, a tabela foi construída para atender as demandas e questionamentos do Escritório de Planejamento Local, abarcando dados referentes a padrões de morfologia urbana, redes de infraestrutura, marcos locais e eixos temáticos referentes aos ODS da ONU. Nesse contexto, a demanda dos técnicos do IPP-PCRJ se relacionou à formatação da tabela e a forma de preenchimento para tornar viável a sistematização dos dados para posterior georreferenciamento das sínteses resultantes do trabalho.

Entre 27 de janeiro e 7 de fevereiro de 2020, foi realizado o curso "Mapeamento dos Territórios Educativos da Cidade do Rio de Janeiro", seguindo as etapas de treinamento da equipe e colaboradores e desenvolvimento das análises e sistematização dos dados contidos nos formulários. Durante a primeira semana do curso, a tabela para processamento dos dados obtidos com a atividade nas escolas foi rediscutida e ajustada, e sofreu algumas alterações para alinhar o processo de análise e tabulação de dados, pois a planilha inicial não considerava temas recorrentes nas respostas dos formulários utilizados. Após as alterações, a tabela resultou com as seguintes categorias e subcategorias, expostas no Quadro 1:

Dados Gerais:	CRE - Designação e Escola - Idade - Gênero - Transporte - Ano/série - Bairro onde mora- Tempo de deslocamento
Infraestrutura:	lixo - esgoto - água - pavimentação (asfalto, saibro, paralelepípedo) - postes, fios, luminárias - arborização - pontes, viadutos e passarelas - vetores zoonoses - outros infra
Equipamentos:	Creche - Escola - Posto de saúde / UPA - Hospital - Clínica da família - Equipamentos culturais (arena, biblioteca, teatro) - Instituições militares - Delegacias, UPPs, Batalhões, postos de segurança - Cemitérios - Igrejas ou espaços religiosos - outros equipamentos
Comércio e serviço:	comércio local (padaria, pipoca, bar, doceria) - comércio de grande porte (shopping, mercado) - serviços locais (manicure, oficina, pet...) - outros comércios
Indústria:	Fábricas em funcionamento - Fábricas desativadas - outros indústrias
Aspectos urbanísticos:	Sinalização - ordenação do espaço público - iluminação - limpeza - muros - edificações precárias - edificações de gabarito baixo (até 3 pavimentos) - edificações de gabarito alto (4 pavimentos ou mais) - morros - favela/comunidade - outros aspectos urbanísticos
Espaços livres e áreas verdes:	Rua - praça - parque - mata, bosque, floresta - praia - campos de futebol - quadras - rios, valões e outros corpos d'água - outros espaços livres e áreas verdes
Acessibilidade:	calçada /rua - escada - rampa - barreira - travessia - outros acessibilidade
Mobilidade:	Carro - van / kombi - BRT - trem/ metrô/ VLT - bicicleta - a pé - motocicleta - ônibus - skate, patinetes, cavalo, patins - transporte público - outros mobilidade
Mudanças climáticas:	inundação e enchentes - ventos - qualidade do ar - qualidade sonora - qualidade hídrica - deslizamentos - queimadas - outros mudanças climáticas
Conforto ambiental:	Calor - frio - cheiros - sombra, frescor - sons - outros conforto ambiental
Conforto afetivo/cognitivo:	Medo - tempo de deslocamento - alegria - segurança - paz - amor - raiva - tristeza - outros afetivo/cognitivo
Recreação e lazer:	Brincar - jogar - divertir - correr - comer - descansar - acesso à internet (celular e computador) - outros recreação e lazer
Sociais, econômicos e culturais:	emprego e renda - cultura - educação - saúde - usuário de drogas - morador rua - animais - interação interpessoal - vitalidade urbana - desigualdade - camelô/ ambulantes - outros aspectos sociais, econômicos e culturais
Segurança e violência:	forças de segurança (polícia, bombeiro, guarda) - operação policial - criminosos /ações criminosas - tiroteio - marcas de violência (tiro, sangue, etc) - Assédio - Drogas - trânsito (atropelamento, acidentes, batidas) - outros segurança e violência
Ações sustentáveis:	hortas comunitárias - coleta seletiva e reciclagem - outros ações sustentáveis

Quadro 1: Categorias e subcategorias de análise. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.

5 Curso de Mapeamento dos Territórios Educativos da cidade do Rio de Janeiro

Parte integrante do método elaborado pela coordenação do projeto, o Curso teve como objetivo analisar os trabalhos dos estudantes, adequando-os à planilha descrita anteriormente. Para tanto, foram organizados grupos de trabalhos divididos pelas 11 CREs, aos quais foram distribuídos os formulários correspondentes. O curso foi formado por: coordenadores (professores Vera Regina Tângari, Giselle Arteiro Nielsen Azevedo e Alex Assunção Lamounier); consultora pedagoga e integrante do Escritório de Planejamento Local (Fernanda Burla); coordenadores de equipe (Alex Lamounier, Alain Flandes, Denise Pinheiro, Elizabeth Nogueira, Flavia Lima, Flora Fernandez, Gabriel Parreira, Giselle Cerise Gerson, Isabela Correia, Rafael Gomes); e participantes externos, incluindo estudantes de graduação e pós-graduação, e profissionais das áreas de Arquitetura, Geografia e Educação. As equipes foram compostas por 4 a 7 integrantes.

Este artigo se aproximou das análises de respostas obtidas na 4ª CRE, que recebeu trabalhos de 98 escolas, em que 30 eram Creches e Escolas de Desenvolvimento Infantil, 59 Escolas Municipais e 9 CIEPs. No decorrer do processamento dos dados, a primeira dificuldade enfrentada foi o tempo de análise de cada formulário em relação ao período disponível para desenvolver o trabalho. Decorrente disso, e juntamente com a consultoria da pedagoga, questionou-se a análise dos trabalhos das crianças de Creches e EDIs, exemplificados na Figura 3, devido à necessidade de uma leitura mais delicada e também ao fato de que muitos desenhos não se relacionavam com as perguntas, nem com a relação da criança com o território ou com o percurso, e nem tampouco com a vivência da cidade pela criança. Assim, foi acordado com todos os participantes que os trabalhos de Creches e EDIs não seriam analisados. Em decorrência dessa decisão, para a 4ª CRE foram analisados 1.571 formulários referentes a 67 instituições de ensino, entre Escolas Municipais e CIEPs.

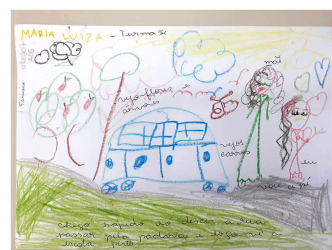
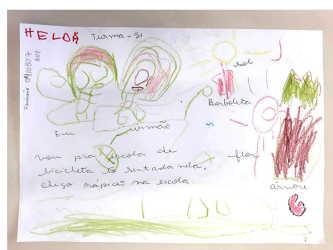


Fig. 3: Trabalhos de alunos de Creches e EDIs. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.

No processo de análise, pôde-se perceber que cada professor se apropriou da dinâmica proposta de um modo particular, como mostra a Figura 4. Por vezes, esta variedade de apropriações dificultou a leitura e análise dos trabalhos, por apresentarem padrões diferentes do formulário e, em alguns casos, por responderem a perguntas diferentes daquelas propostas pelos grupos de pesquisa.

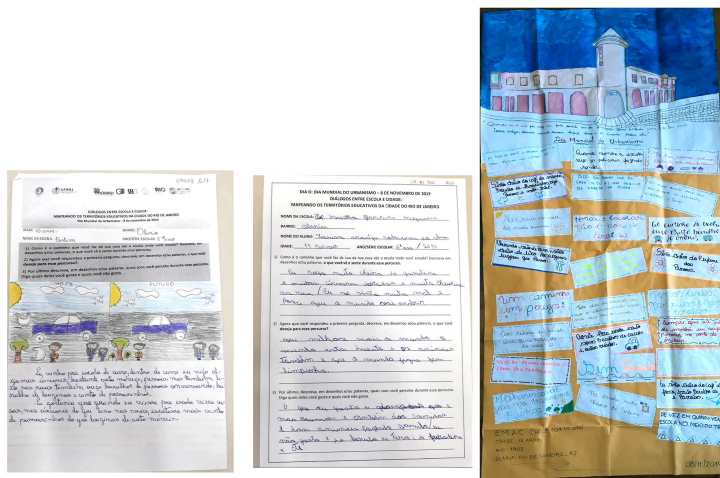


Fig. 4: Diferentes padrões de aplicação de formulários. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.

Ao todo, 22 escolas procederam a improvisações para recriar o formulário em outros formatos, aplicando-o na forma de carta, caderno, painel, maquete, ou, ainda, criaram a sua própria dinâmica de aplicação. Além disso, em 17 escolas foi utilizado o formulário com três perguntas, com a terceira questão relacionada à percepção sonora. Com este padrão, muitos resultados apresentaram respostas direcionadas especificamente aos sons, o que se configurou como uma distorção no preenchimento da tabela, com ênfase aos aspectos sonoros.

Porém, independentemente do suporte para a aplicação, foi possível perceber a afetação do professor que aplicou a atividade nos resultados apresentados. Em muitos casos, mesmo seguindo o formulário, percebeu-se um padrão nas escolhas de expressão por parte dos estudantes de determinada turma. Em algumas escolas, conforme os trabalhos das turmas ilustrados nas Figuras 5 e 6, os estudantes apresentaram, quase em sua totalidade, desenhos que representavam cenas urbanas, enquanto em outra escola a turma apresentou uma série de textos reflexivos. Em outras turmas, conforme mostra a Figura 7, a forma de expressão coletiva foi um conjunto de mapas, que demonstravam graficamente e de forma similar a morfologia do entorno, bem como infraestruturas e outros aspectos urbanos. Assim, uma mesma aplicação de um instrumento reverberou em uma multiplicidade de formas de representação que evidenciaram potencialidades e interferências da atuação do professor como mediador.



Fig. 5: Trabalhos de uma turma com desenho de cenas urbanas. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.



Fig. 6: Trabalhos de uma turma com desenho de cenas urbanas. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.



Fig. 7: Trabalhos de uma turma com desenho de mapas. Fonte: Acervo GAE/SEL-RJ, 2020.

Influenciados pela forma de mediação dos professores, os estudantes que responderam à atividade introduziram mais uma camada de complexidade à leitura dos trabalhos, na qual as percepções individuais entraram em jogo. Aspecto interessante a ressaltar foi a percepção, por parte dos estudantes, de que este trabalho poderia ser endereçado a alguém. Ao saberem que seria a Prefeitura do Rio de Janeiro que estaria recebendo este conteúdo, na perspectiva propositiva do planejamento, alguns jovens responderam dirigindo-se diretamente à Prefeitura. Em outras situações, foi possível perceber, tanto pelo desenvolvimento das respostas como por contextos locais reconhecidamente influenciados por questões religiosas, que as manifestações não se referiam à religiosidade.

Por fim, outra dificuldade encontrada diz respeito às limitações decorrentes da escolha da forma de análise por tabulação, em que as falas dos estudantes abrangeram temas que, ou não estavam na tabela, ou apareceram de forma muito genérica ou muito específica. Por exemplo, em alguns desenhos observou-se a percepção da chuva enquanto elemento. No entanto, na tabela, as possibilidades de categorizar essa classificação eram, ou genéricas – “qualidade hídrica” –, ou mais específicas – “enchentes e inundações”. Outro problema relacionado à tabela foi certa dificuldade de enquadramento dos elementos subjetivos em relação aos concretos. Dessa maneira, ao analisar os resultados da tabela, perdeu-se uma carga reflexiva e qualitativa dos trabalhos apresentados. Outro ponto diz respeito às relações entre os elementos presentes no desenho ou texto, pois a conexão entre eles não se refletiu na tabela. Por exemplo, o incômodo referente ao carro derivou de diferentes motivos, ora em função do barulho, ora em função da falta de respeito dos motoristas que não obedecem ao sinal ou estacionam na calçada.

Durante o processo de análise e tabulação dos formulários, percebeu-se que a disposição de leitura foi se tornando mais quantitativa do que qualitativa. O volume de informações, a falta de tempo para aprofundamento, e o número de variantes dificultaram, inicialmente, uma compreensão sistemática do conjunto de resultados de forma mais qualitativa. Assim, na busca de entender as relações entre as respostas e os territórios, todos os documentos enviados pelas escolas foram revisitados, após a tabulação dos resultados, com o objetivo de identificar temáticas de cada instituição escolar para, então, relacioná-las com as respostas de outras escolas situadas no mesmo bairro ou nas proximidades. Entretanto, esta análise acabou ocultando muitas camadas que também são significativas a respeito destes territórios. Mas apesar da dificuldade de sistematização, foi possível destacar algumas temáticas recorrentes nos discursos dos jovens e crianças comuns aos territórios da 4ª CRE:

O incômodo relacionado ao lixo nas ruas foi citado, em alguns casos, em relação ao cheiro e, em outros, em relação à falta de educação, ou à necessidade de maior frequência de coleta seletiva;

Foi indicada a demanda por manutenção, cuidado e limpeza de ruas e calçadas, bem como de praças e parques que possuem piso com muitos buracos e equipamentos quebrados, além da criação de novos espaços de lazer;

A temática da violência também foi frequente na fala de estudantes, pois muitos vivem em contextos nos quais convivem diariamente com a presença de armas, drogas, tiroteios e operações policiais, denotando falta de policiamento ou abuso por parte das forças policiais. Percebe-se a naturalização da violência em falas como “eu já estou acostumada”, “eu não sinto nada” ou “eu não tenho mais medo”. No entanto, os desejos por mais segurança (não ter que ouvir tiros, não ver bandidos armados, não querer sentir o cheiro de maconha, não ter mais a casa invadida pela polícia sem mandado de segurança) reforçam a percepção de que diversas formas de violência precisam ser enfrentadas nesses territórios;

O tema da mobilidade dos jovens se destacou por questões relacionadas ao tráfego de automóveis, pois, segundo a descrição dos estudantes, os motoristas não respeitam, nem os pedestres, nem os sinais de trânsito;

Como estudantes de muitas escolas responderam separadamente à questão sobre os sons que escutavam no percurso sugerido, foi possível observar a experiência da violência através dos sons dos tiroteios e brigas, além do incômodo com relação aos sons provocados pelo excesso de carros e a preferência por sons “naturais”.

6 Considerações finais

A integração entre pesquisa, ensino e extensão, em parceria com órgãos municipais, tornou possível esta experiência, que reforça a potência de ações colaborativas para a construção de um processo de planejamento com perfil democrático e inclusivo. Assim, mesmo que o processo de mapeamento dos desejos e percepções dos alunos ainda não esteja concluído em sua totalidade, já é possível elaborar reflexões sobre esta atividade, e sobre questões teóricas que fundamentam a abordagem desta pesquisa e dos métodos aplicados ao longo do processo.

Como já ressaltado, foi importante confirmar que as falas das crianças apresentaram diversos elementos já naturalizados para os adultos, como a violência urbana, o lixo, o automóvel, a falta de manutenção dos espaços da cidade e o abandono de animais. Estes assuntos são, muitas vezes, colocados em segundo plano pelo poder público, mas representam dificuldades e limitações para a apropriação dos espaços públicos da cidade pelas crianças e jovens. Neste contexto, foi possível perceber a potência da escuta e inclusão das crianças na formulação de políticas públicas relacionadas ao planejamento urbano, ao pedirem atenção para questões talvez não prioritárias para os adultos, porém, muito significativas para o bem estar nas cidades.

No que se refere à aplicação das atividades nas escolas, as muitas etapas de comunicação – desde a formulação da proposta, até seu envio e sua recepção pelos alunos, e, finalmente, seu retorno aos pesquisadores – geraram muitos ruídos e variações nas interpretações das atividades, aspecto esperado devido à escala e abrangência da atividade. As variações podem ser explicadas tanto pelo processo de mediação e interpretação de cada professor, e sua transmissão aos estudantes, como pela dificuldade dos pesquisadores em entender o sentido de algumas “falas”. Apesar do cuidado de se elaborar uma orientação clara para a atividade, ocorreram falhas que afetaram o processo. No entanto, em muitos casos, a intervenção dos professores potencializou a incorporação das expressões dos estudantes nos formulários.

Quanto às análises e ao processo de sistematização das “falas dos estudantes” para espacialização no território da cidade, ambos apresentam um caminho possível a ser aprimorado. A escala e a abrangência da atividade impõem uma simplificação para a sistematização dos trabalhos das unidades de ensino participantes das CREs e, com isso, algumas informações acabam perdendo a sua expressividade. Um caminho possível seria uma compreensão multiescalar de análise, ora processando os dados no âmbito geral, ora aproximando a análise de contextos e territórios específicos.

As análises preliminares são indicativas de diferenças territoriais e desigualdades sociais para a implementação de políticas públicas voltadas, por exemplo, ao acesso aos espaços da cidade, à sua manutenção e qualidade material, e aos problemas de violência. No entanto, será necessário avançar nos resultados da atividade e experimentar diferentes métodos de análise para garantir que as falas das crianças sejam incorporadas. Levando

estes pontos em consideração, a metodologia de processo participativo apresentada incorpora aspectos estratégicos que foram construídos de acordo com o contexto e com os cuidados a serem tomados durante os procedimentos, e que podem contribuir para a elaboração de experiências similares.

Por fim, é fundamental discutir a abordagem metodológica nas atividades de processo participativo, pois todas as etapas interferem na interpretação e nas respostas subsequentes. Podemos concluir que a discussão sobre os procedimentos desenvolvidos pode revelar falas e expressões de diversos atores, além de contribuir na tomada de decisões coletiva, elementos que trazem sentido aos resultados de um processo participativo. Assim, é fundamental entender as limitações e potenciais determinados pelas escolhas dos procedimentos, para a compreensão da parcialidade decorrente da escolha e da aplicação dos dispositivos, do processo de análise e dos resultados obtidos. Cabe destacar que cada etapa de um trabalho de escuta apresenta uma diversidade de elementos e reflexões, não necessariamente incorporados ao produto final de um plano ou projeto urbano, mas fundamentais para o conhecimento das realidades estudadas.

Agradecimentos

Esse trabalho foi possível a partir do apoio da CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, através da concessão de bolsa de doutorado (CAPES-ProEx) e apoio a projeto de pesquisa internacional (CAPES-PRINT), e da FAPERJ, por meio de fomento a pesquisa por taxa de bancada do Programa CNE.

Referencias

ARNSTEIN, S. R. Uma escada da participação cidadã. *In: Revista da Associação Brasileira para o Fortalecimento da Participação – Participe*, Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, v. 2, n. 2, p. 4-13, 2002.

AZEVEDO, G (org.). **Diálogos entre arquitetura, cidade e infância**: Territórios educativos em ação. 1 ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ) / Paisagens Híbridas, 2019

CORNER, J. The Agency of Mapping: Speculation, Critique and Invention. *In: COSGROVE, Denis (ed.). Mappings*, London: Reaktion, 1999, p. 213-252.

LYNCH, K.; CARR, S. Where Learning Happens. *In: BANERJE T.; SOUTHWORTH, M. (eds). City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch*. Cambridge: MIT Press, 1995 (1968).

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GOMES, R.; COSTA, R.; MENDONÇA, D. Modos de leitura e imersão no território. *In: AZEVEDO, Giselle (org). Diálogos entre arquitetura, cidade e infância*: Territórios educativos em ação. 1 ed. Rio de Janeiro: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FAU-UFRJ) / Paisagens Híbridas, 2019.

ONU. **Transforming our World**: The 2030 Agenda For Sustainable Development. United Nations, 2015. Disponível em: <<https://sustainabledevelopment.un.org/content/documents/21252030%20Agenda%20for%20Sustainable%20Dev>>. Acesso em: 5 maio 2020.

REGO, A. Q.; NIEMEYER, M. L. O uso da cartografia sonora na avaliação da transformação das paisagens sonoras devido a implementação do Plano Estratégico Urbano das Vargens, Rio de Janeiro, Brasil. *In: Revista Thésis*, v. 2, p. 246-257, 2016.

SANOFF, H. **Community Participation Methods in Design and Planning**. New York: Wiley, 1999.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In: CEBRAP*[online]. n. 79, p. 71-94, 2007. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>. Acesso em: 5 mar. 2020

SARMENTO, M. J. Retrato em Positivo *In: FRIEDMANN, A; ROMEU, G (Orgs.). Quem está na escuta?* Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças. *E-book*. São Paulo: Veredas 2016. Disponível em: <http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/2016/11/T300000001836-0-Mapa_infancia-000.pdf>. Acesso em: 5 maio 2020. p. 5-12.

TÂNGARI, V. R. **Grupos de Pesquisa Sistemas de Espaços Livres no Rio de Janeiro** - SEL-RJ. Rio de Janeiro: ProArq, 2000. Disponível em: <<http://www.proarg.fau.ufrj.br/pesquisas/grupos-de-pesquisa/19/sistemas-de-espacos-livres-no-rio-de-janeiro-sel-rj>>. Acesso em: 5 mar. 2020.

TÂNGARI, V. R.; AZEVEDO, G. A. N. Conflicts and challenges for Architecture and Urbanism education: building up urban spaces together in the city of Rio de Janeiro. *In: Proceedings* 12th CITTÀ International Conference On Planning Research. Porto: FAUP, 2019.

TONUCCI, F. Ciudades a la escala humana: la ciudad de los niños. In: **Revista Educación**, número extraordinario, 2009. Disponível em: <<http://www.educacionyfp.gob.es/dam/jcr:67ddb416-cee6-4bce-8b3f-1567c98ef7a4/re200907-pdf.pdf>>. Acesso em: 5 mar. 2020.

1 Professor de cursos de graduação e pós-graduação da Parsons School of Design, na New School University, em Nova York, EUA.